



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11369 - Resumo Expandido - Trabalho - 4ª Reunião Científica da ANPEd Norte (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 08 - Formação de Professores

O ESTÁGIO E A FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR NA UFRR: APROXIMAÇÕES ENTRE O CAp E O CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

Maria Leogete Joca da Costa - Fundação Universidade do Amazonas - PPGE da UFAM

Evandro Luiz Ghedin - UFAM - Universidade Federal do Amazonas

Thaiany Guedes da Silva - UFAM - Universidade Federal do Amazonas

Agência e/ou Instituição Financiadora: Fapeam

**O ESTÁGIO E A FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR NA UFRR:
APROXIMAÇÕES ENTRE O CAp E O CURSO DE LICENCIATURA EM
MATEMÁTICA**

INTRODUÇÃO

Este texto é um recorte da tese de doutoramento da primeira autora em parceria com o orientador da pesquisa. Está organizado em três seções. De início fazemos uma contextualização em torno do ensino, o estágio e a escola enquanto elementos essenciais na e para a formação docente. Em seguida, apresentamos como podem ser compartilhados, no âmbito da relação escola-universidade-escola, os saberes e práticas envolvendo Professor-Supervisor da escola (e demais atores), o licenciando e o Professor-Formador-Orientador da universidade.

Essas duas primeiras seções, tratam de uma discussão de natureza bibliográfica e de cunho epistemológico fundamentada em teóricos que discutem o estágio com pesquisa e a formação docente enquanto uma articulação traçada por essa perspectiva de estágio.

A última seção explicita uma caracterização do Colégio de Aplicação – CAp da UFRR, bem como, os caminhos que os licenciandos trilham para a realização do estágio nessa instituição. No âmbito de nossa vivência na Coordenação de Estágio do CAp, e do desenvolvimento da pesquisa de doutorado, apontaremos aspectos importantes na realização do estágio, fundamentados em documentos oficiais e nas memórias profissionais da primeira

autora.

1.1 O ENSINO, O ESTÁGIO E A ESCOLA: ELEMENTOS DA E PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

O ensino é uma atividade que singulariza o trabalho docente, então, conceituá-lo como práxis sociais é necessário, visto que o ato de ensinar se concretiza em muitos e diversos espaços da sociedade não necessariamente na escola, mas exclusivamente na escola.

Almeida e Pimenta (2014) reforçam a ideia de que o ensino é uma práxis social complexa por situar-se em contextos não necessariamente escolares, mas em contextos culturais, espaciais, temporais e institucionais.

Para Almeida e Pimenta (2014, p. 20) a complexidade do ensino ocorre por ser uma atividade realizada “por seres humanos entre seres humanos” e modificada “pela ação e relação dos sujeitos” o que também modificada os próprios sujeitos envolvidos nesse processo.

Então, o ensino é uma práxis socialmente complexa por situar-se historicamente e em contextos em que a prática educacional se efetiva ressignificando as mais variadas situações das diferentes áreas do conhecimento.

Visto que o ensino ocorre em diferentes espaços da sociedade, vamos, centralizar nosso olhar entre as instituições sociais, destacando a escola por ela ter:

o compromisso de promover a formação humana de forma deliberada, intencional, dado que a característica própria da educação escolar é exatamente a organização sistematicamente planejada dos processos de ensino (ALMEIDA e PIMENTA, 2014, p. 21).

Como se sabe, cabe à escola tornar efetivo seu papel específico que é o de propiciar e assegurar a educação formalmente escolar para todos os sujeitos, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio garantindo que crianças, adolescentes, jovens e adultos sejam atendidos na e pela escola, preferencialmente pública. Isto posto, é pertinente esclarecer que o estágio com pesquisa, como detalharemos a seguir, exige problematizar, interpretar e analisar a realidade da escola, campo de estágio.

Ao analisar o atual cenário educacional brasileiro as políticas públicas têm promovido excessivos cortes de verbas impactando diretamente na organização, na estrutura e funcionamento das redes públicas de ensino, seja, na Educação Básica ou no Ensino Superior.

Esse olhar mais apurado sobre a realidade escolar, da prática docente na sala de aula, da aprendizagem da docência, pode ser traduzido pela colaboração entre as Licenciatura em Matemática e a Educação Básica; a partir do que se define como estágio com a pesquisa.

Entendemos o estágio como um campo de conhecimento que envolve estudos, análise, problematização, reflexão e proposição de soluções para o ensinar e o aprender e que compreende a reflexão sobre as práticas pedagógicas, o trabalho docente e as práticas institucionais, situados em contextos sociais, históricos e culturais. Nesse sentido, caracteriza-se como mediação entre os professores formadores, os estudantes em curso e os professores das escolas. Em sua realização, esses sujeitos se colocam atentos aos nexos e às relações que se estabelecem e a partir dos quais poderão realizar as articulações pedagógicas e perceber as possibilidades de se realizar pesquisas entre eles, tendo os problemas da escola como fenômenos a serem analisados, compreendidos e mesmo superados (ALMEIDA e PIMENTA, 2014, p. 29).

O estágio com pesquisa possibilitará a compreensão de si, dos espaços e do tempo da profissionalidade docente, da individualidade e do coletivo que reconfiguram o modo de ser professor e estar diante da pluralidade da escola e da complexidade do ensinar. A problematização e a busca coletiva por possíveis soluções delineiam um percurso que estudantes das licenciaturas, professores formadores da escola e universidade, possam construir no âmbito da formação e desenvolvimento profissional.

De acordo com Almeida e Pimenta (2014) a pesquisa é o percurso metodológico para o desenvolvimento do estágio na formação inicial do futuro professor, possibilitando principalmente aos licenciandos, conforme nosso entendimento, que adquiram posturas e hábitos de educação científica, a partir de situações vivenciadas no estágio, além de se constituírem profissionais da educação experimentando as práticas pedagógicas verdadeiramente formadoras.

E em se tratando de ensino e de formação inicial de professores, o estágio, em muitas ocasiões, é visto de maneira um tanto quanto complexo. Há quem o perceba com uma burocracia de obrigação curricular; “salvação” da e para docência, momento para se aprender técnicas exclusivas para ensinar e se tornar um professor. Outros, porém, percebem o estágio como o eixo articulador da formação profissional docente humanizada.

É necessário pensar nos cursos de formação inicial de professores numa perspectiva intencionalmente planejada para semear rupturas de concepções trazidas pelos próprios licenciandos sobre a escola, em cujo ambiente educacional estiveram imersos, em média, durante 12 anos de contato enquanto alunos da Educação Básica e que agora precisam olhar para a escola como campo de trabalho profissional.

1.2. PARTILHA DE SABERES ENTRE A LICENCIATURA E A ESCOLA: PONTO DE PARTIDA E DE CHEGADA

Sendo a licenciatura o ponto de partida, automaticamente, a escola é o ponto de chegada para quem faz curso de formação inicial de professores. Geralmente, e o estágio curricular é o primeiro contato com o campo da futura profissão. Daí a importância da aproximação entre a universidade e a escola de Educação Básica.

O aluno em formação inicial, ao vivenciar o processo de estágio supervisionado no âmbito das instituições escolares pode ser um interlocutor no momento de pesquisar as vivências do professor da escola e estudar as relações estabelecidas no encontro/confronto pelos professores da universidade. Diante disso, as trocas entre os professores da escola e da universidade poderão subsidiar a construção de novos saberes, além de aproximar os futuros professores das atividades profissionais, visto que, nessa perspectiva, o estágio preocupa-se em observar, mas também em problematizar, investigar e analisar a realidade escolar por meio de um processo mediado pela reflexão dos atores envolvidos (AROEIRA, 2014, p. 136 e 137).

Essa aproximação da universidade com a escola de Educação Básica e seus principais atores, especificamente, do licenciando com o Professor-Supervisor de Estágio (professor da EB) e com o Professor-Orientador (professor da Licenciatura) se faz necessário não somente para observar como um determinado conteúdo é ministrado ou para analisar a maneira como é conduzida uma sala de aula composta por criança e adolescentes, mas também para se problematizar e investigar a própria prática, o desenvolvimento profissional e pessoal dos professores e dos futuros professores a respeito do trabalho na perspectiva da coletividade, da colaboração que muitas vezes se configura em diferentes formatos.

O estágio quando conduzido nessa interseção coletiva, alinhado com a pesquisa, o futuro professor (Estagiário) e os professores já experientes (Universidade e EB) encontrarão no ato de pesquisar a ação de pesquisar sobre si mesmo, sobre a pessoa e o ofício do professor, como ele se sente no coletivo docente, como se constitui e se caracteriza a identidade do profissional docente para atuar na Educação Básica.

Também é importante dizer que desenvolver o estágio com pesquisa não será o caminho tão somente eficiente e eficaz para se garantir uma formação inicial de professores. Queremos dizer que o estágio com pesquisa possibilita a consolidação dos saberes que emergem da (e na) prática profissional, uma vez que ao se problematizar a realidade da escola, as limitações, as dificuldades, os entraves, assim como as possibilidades, as atividades exitosas serão evidenciadas a partir da pesquisa sobre como ser professor e o local em que se desenvolve a prática e a práxis docente na EB, que é a escola.

[...] o estágio não é responsável por promover a práxis de um curso de formação e professores, mas quando este considera práticas de partilha com a escola, aspectos de colaboração e reflexividade, assim como de pesquisa e de interdisciplinaridade, pode cumprir de modo institucional, numa perspectiva emancipatória, a função de colaborar num processo formativo a favor da unidade teoria e prática (AROEIRA, 2014, p. 145 e 146).

Para nós fica muito claro que a partilha dos saberes entre universidade e escola possuem em seus respectivos pontos de partida e de chegada um objetivo em comum: compreender os confrontos da aprendizagem docente e os desafios de se tornar um professor para atuar na Educação Básica.

Dito isso, concordamos com Aroeira (2014) ao apontar o estágio como promotor de ações didáticas coletivas, que além de aguçar as aprendizagens docentes dos futuros professores – licenciandos – também contribuem na formação em serviço dos professores já experientes, pois aprenderão mais sobre si, sobre sua individualidade e o coletivo escolar.

A aprendizagem da docência, a troca de experiência e a participação dos atores nessa aproximação reflexiva sobre o se fazer professor e o campo de trabalho docente, potencializam a formação e o desenvolvimento profissional do próprio professor escolar, além de ressignificar a atividade docente, tanto na licenciatura como na Educação Básica, numa relação dialógica entre universidade e escola.

Então, pode-se afirmar que o Professor Supervisor do Estágio, ou seja, o professor da Educação Básica é também um formador do estagiário – futuro professor. Visto que a escola é o espaço de maior intencionalidade formativa e de interação entre os professores já experientes e o futuro professor em formação.

1.3 A ESCOLA E A UNIVERSIDADE: DIÁLOGO ENTRE O CAP E A LICENCIATURA EM MATEMÁTICA DA UFRR

O Colégio de Aplicação, – CAP– era vinculado até o ano de 2019 ao Centro de Educação – CEDUC. O CAP foi criado como laboratório das práticas e vivência docentes para os alunos dos cursos de Pedagogia, Psicologia e das licenciaturas, assim como os demais 16 CAP's existentes, no país, todos ligados às IFES. Na medida em que cada um deles foi ganhando espaço político e acadêmico tornou-se referência para as redes de ensino municipal e estadual em cada estado onde se localiza.

Para Oliveira (2011) a importância dos Colégios de Aplicação é o compromisso e a efetiva participação na formação inicial do professor, enquanto escolas, campo de estágio curricular, já que todos eles atuam no tripé ensino, pesquisa e extensão. E como bem coloca a autora, o compromisso com a formação inicial e continuada de professores está atrelado ao fato de se aspirar à transformação da sociedade, em especial, a acadêmica, não ficando só no discurso; pelo contrário, se alicerça na prática cotidiana de sua atuação. Em se tratando de formação de professor e do estágio nos CAP's, vale ressaltar os dizeres de OLIVEIRA (2011, p. 96):

não é demais lembrar que é exatamente essa articulação com as licenciaturas que nos permite também fortalecer o tripé ensino, pesquisa e extensão, através dos bolsistas de iniciação científica, de treinamento profissional e de extensão. Mas é no estágio curricular das licenciaturas que o seu papel torna-se [sic] fundamental ou, melhor dizendo, imprescindível.

Nessa perspectiva, pode-se perceber claramente o papel do CAP na formação e desenvolvimento profissional de professores de matemática. Essa relação dialógica entre Licenciatura em Matemática e o CAP pode ajudar a superar um dos dilemas de formação indicado por Saviani (2009) questiona a atual estrutura dos cursos de formação de

professores, especialmente as licenciaturas, de onde se destaca a fragmentação e a separação, durante a formação da “disciplina de conteúdo específico” da “disciplina de conteúdo pedagógico e educacional”, teoria e prática, pesquisa e ensino; trabalho e estudo (ANFOPE, 2004).

Calderano (2012, p. 247) nos alerta que o estágio “não deveria se reduzir à prática, no sentido operacional,” mas um momento para estreitar as relações entre reflexões teórico-práticas, além de ampliar e aprofundar as discussões sobre o “processo educacional, descobertas e enfrentamento de problemas, busca e realização de novas possibilidades”.

É de fundamental importância reforçar, aqui, as palavras de Calderano (2014) quando diz que a formação docente não ocorre somente na universidade, no âmbito da Licenciatura em Matemática, e que não se aprende a prática da profissão apenas na escola, ou seja, esses dois campos não são isolados, porém são “espaços específicos e complementares” para fortalecer o diálogo dos que tramitam, em tais espaços, mediado pela força orientadora das políticas de formação docente.

É com esse sentimento que o CAp da UFRR e os cursos de Licenciatura em Matemática dialogam para vislumbrar uma formação docente tecendo redes necessárias para aproximar a escola da universidade e a universidade da escola, por meio do estágio supervisionado.

E para uma melhor compreensão desses dois espaços formativos da UFRR vale a descrição a seguir: O CAp, atualmente, possui 5 turmas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (do 1.º ao 5.º, sendo uma de cada ano); 2 turmas de cada ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental (6.º ao 9.º ano) e duas de cada série do Ensino Médio (1.ª à 3.ª série), totalizando 19 turmas.

Como forma de ilustrar os procedimentos que os licenciandos devem proceder junto ao CAp caso pretendam realizar o estágio nesse estabelecimento de ensino, exporemos algumas experiências já vivenciadas com estudantes das Licenciaturas em Matemática da UFRR. No entanto, é necessário registrar como percebemos a dinâmica epistemológica e metodológica do Estágio Curricular da Licenciatura em Matemática, quando esses futuros professores chegam ao CAp.

O Estágio Supervisionado em Matemática IV é realizado em espaços diferenciados com a possibilidade de atuar em outras modalidades de ensino. A realização desse momento de estágio dentro do CAp, permitiu que os licenciandos também mantivessem contato com alunos e professores formados em Pedagogia e atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Como já mencionado, por se tratar de um estágio em espaços diferenciados, o licenciando tem a oportunidade de vivenciar a docência em espaços formal e não formal, podendo também atuar também no Ensino Regular, Educação de Jovens e Adultos – EJA,

Educação Especial, Educação Inclusiva, ou seja, há um leque de possibilidades para vivenciar a docência.

O primeiro passo, geralmente é feito por meio de uma conversa informal entre a Coordenação de Estágio e o Professor Supervisor de Estágio (CAp) para uma breve apresentação da proposta de estágio e um agendamento juntamente com o Professor Orientador do Estágio (Licenciatura) para uma exposição mais detalhada sobre as normas, critérios e os documentos necessários para a realização do estágio.

De posse de toda documentação obrigatória: i) Carta de Apresentação assinada pelo Coordenador de Curso de Licenciatura; ii) Apólice de Seguro; iii) a Carta de Aceite emitida pela Coordenação de Estágio do CAp.

A partir do Aceite, o Professor da Turma na qual será realizado o Estágio do CAp, passa-figurar no quadro de Professor-Supervisor de Estágio, os quais começam a compartilhar e partilhar a vivência docente em todos os aspectos com os licenciandos. Dessa maneira o estagiário ganha voz nos espaços de construção do conhecimento, de ensino e aprendizagem, podendo pedir inclusive a participação nos momentos de planejamento coletivo, de reunião pedagógica de áreas ou de atividades escolares diversas, desde que acordado com a Coordenação de Estágio e/ou permitido pelas instâncias do CAp, caso suplante a esfera de ação desta Coordenação.

Isto permite vivenciar o trabalho docente em sua integralidade e complexidade, como já discutido na primeira seção, ou seja, viver a escola “por dentro”, explicando melhor, conduzir o estagiário a participar de todas as atividades planejadas e promovidas intencionalmente.

Envolve o atendimento personalizado, atendimento e reunião com os pais, com os professores, conselho de classe, reunião administrativa, elaboração de atividade acadêmica e de avaliação, construção de relatório, atividades culturais, atividades recreativas, atividades sociais, atividades extracurriculares, enfim, toda e qualquer ação voltada para o ambiente escolar.

CONCLUSÕES

Neste artigo tecemos rastros sobre o processo formativo inicial do futuro professor de Matemática da UFRR, bem como, registramos alguns procedimentos de como ocorre o Estágio Supervisionado entre os cursos de Licenciatura em Matemática e o CAp, ambos da UFRR.

Embora não se tenha trazido trechos dos Relatórios de Estágio e nem de uma Ficha avaliativa desse estágio, os licenciandos relataram ter vivenciado momento ímpar para suas

respectivas formações. Chegaram a comparar a sistematização do estágio no CAp com outras escolas da rede pública também do estado de Roraima.

De fato, até o ano de 2018, o CAp possuía uma infraestrutura diferenciada das demais escolas de Educação Básica da rede pública. Claro que hoje, na data específica de entrega deste texto, a educação brasileira, em especial a Universidade Pública Federal vive um dos seus maiores desastres no tocante ao corte de verbas o que acarreta também no funcionamento e estrutura tanto da escola como do curso de graduação.

PALAVRAS-CHAVE:

Formação inicial de professores; Estágio; Licenciatura em Matemática; CAp; UFRR

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel; PIMENTA, Selma Garrido. **Centralidade do estágio em cursos de Didática nas Licenciaturas.** In: ALMEIDA, Maria Isabel; PIMENTA, Selma Garrido (Orgs.). Estágios Supervisionados na formação docente. São Paulo. Cortez. 2014.

AROEIRA, Kalline Pereira. **Estágio Supervisionado e possibilidades para uma formação com vínculos colaborativos entre a universidade e a escola.** In: ALMEIDA, Maria Isabel; PIMENTA, Selma Garrido (Orgs.). Estágios Supervisionados na formação docente. São Paulo. Cortez. 2014.

CALDERANO, Maria da Assunção. **O estágio curricular e os cursos de formação de professores: desafios de uma proposta orgânica.** In: CALDERANO, Maria da Assunção (Org.). Estágio Curricular: concepções, reflexões teórico-práticas e proposições. Ed. UFJF. Juiz de Fora, 2012.

CAMMAROTA, Martín; BEVILAQUA, Lia R. M.; IZQUIERDO, Iván. **Aprendizado e Memória.** In: LENT, Roberto. Coordenador. Neurociências da mente e do comportamento. Kogan. Rio de Janeiro. Guanabara, 2019.

OLIVEIRA, D. M. de. **O papel dos colégios e aplicação na formação de professores.** Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação, Juiz de Fora, v. 13, n.1, p. 95 e 96. 2011. Disponível em: <https://instrumento.ufjf.emnuvens.com.br/revistainstrumento/article> Acesso em 21 de julho de 2016.